



QUATORZE

escrevivências libertando histórias



Aline Baioto Lunkes
Ana Carolina de Souza Rauter (org.)
Ana Cristina Weber (org.)
Bruna Moraes Battistelli
Cláudia N. da Costa Pereira
Elisandra de Moraes Fagundes (org.)
Geovana Goulart Diehl
Jaqueline Grasielle Weiermuller
Joana Schneider Machado (org.)
Joice Catiana de Oliveira Trevizani (org.)
Juliana Aparecida Bohn (org.)
Lilian Terezinha de Souza
Luciano Bedin da Costa (org.)
Nadiéli dos Passos (org.)
Nathalia Becker (org.)
Pâmela Silva da Luz (org.)
Priscila Naiana Lacerda de Souza (org.)



Caburé é uma das menores corujas encontradas nas Américas, desde os Estados Unidos até a Argentina e presente em todo o Brasil. Caburé é também um selo editorial vinculado ao Grupo de Pesquisa Educação, Filosofia e Imagem - GEFI. A partir de agora, os materiais editoriais publicados ou organizados por integrantes do GEFI serão publicados com esse selo.

Revisão: Sabrine Elma Heller

Arte: Eduarda Seger da Silva

Diagramação: Eduarda Seger da Silva

Conselho Editorial do Caburé:

Adriana Fresquet, UFRJ, Rio de Janeiro

Amanda Leite, UFT, Tocantins

Clarisse Alvarenga, UFMG, Minas Gerais

Eduardo Silveira, IFSul-Florianópolis, Santa Catarina

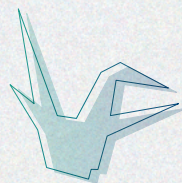
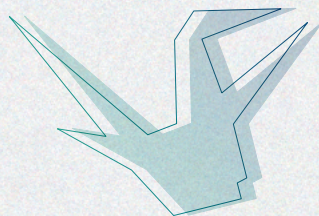
Ivete Souza da Silva, UFRR, Roraima

Leandro Belinaso Guimarães, UFSC, Santa Catarina

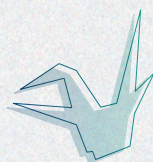
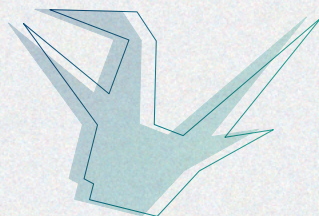
Maricela Perera, Instituto Juan Marinello, Cuba

Milene Gusmão, UESB, Bahia

Veronica Hollman, Conicet/UBA, Argentina



Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



FICHA CATALOGRÁFICA

Q2

Quatorze: escrevivências libertando histórias / Organização Ana Carolina de Souza Rauter ... [et al.]. – Novo Hamburgo: Faculdade IENH, 2021.
65 p. ; 30 cm.

Vários autores.
Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-993216-3-4

1. Educação. 2. Educação socioemocional. 3. Mulheres.
4. Escrita – Mulheres. 5. Vivências. I. Título.

CDU 37.035

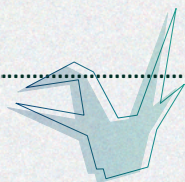
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária: Aline Soares Cezar – CRB10/2164

Sumário

<i>Um encontro de vidas, pelas autoras do livro</i>	8
<i>De onde tudo surgiu, por Juliana Bohn</i>	11
<i>Da palavra à escrevivência: percursos de um livro,</i> por Luciano Bedin da Costa.....	13

ESCREVIVÊNCIAS

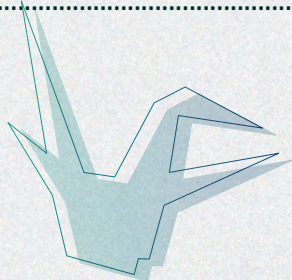
<i>As mulheres que em mim habitam,</i> por Aline Baioto Lunkes.....	18
<i>A força da fragilidade,</i> por Elisandra de Moraes Fagundes.....	20
<i>As estações de Ana,</i> por Ana Carolina de Souza Rauter.....	23
<i>O dia que meu mundo desabou,</i> por Nadiéli dos Passos.....	27
<i>Ressignificando a vida,</i> por Priscila Naiana Lacerda de Souza.....	31
<i>Aprendi com a dor o meu valor,</i> por Pâmela Silva da Luz.....	33
<i>O choro restaura meu equilíbrio emocional,</i> por Jaqueline Grasielle Weiermuller.....	35
<i>Vencendo os desafios na vida,</i> por Joice Catiana de Oliveira Trevizani.....	38

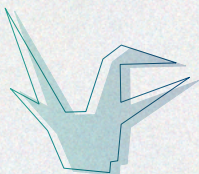


<i>Assumindo a direção da liberdade,</i> por Ana Cristina Weber.....	40
<i>O encontro do meio,</i> por Cláudia N. da Costa Pereira.....	43
<i>Toda história de vida tem seu valor,</i> por Geovana Goulart Diehl.....	46
<i>Com amor, determinação e paciência, podemos ser cada dia melhores,</i> por Lilian Terezinha de Souza.....	48
<i>A menina que tinha sonhos,</i> por Nathalia Becker.....	52
<i>A vida a chamou para viver e ela foi,</i> por Joana Schneider Machado.....	56

POSFÁCIO

<i>Conceição Evaristo: uma mulher que encharca o mundo com histórias,</i> por Bruna Moraes Battistelli.....	61
<i>Sobre as autoras do livro.....</i>	68





Se para algumas mulheres o ato de escrever está imbuído de um sentimento político, como afirmação de autoria de mulheres diante da grande presença de escritores homens liderando numericamente o campo de publicações literárias, para outras, esse sentido é redobrado. O ato político de escrever vem acrescido do ato político de publicar, uma vez que, para algumas, a oportunidade de publicação, o reconhecimento de suas escritas e os entraves a ser vencidos não se localizam apenas na condição de a autora ser inédita ou desconhecida. Não só a condição de gênero vai interferir nas oportunidades de publicação e na invisibilidade da autoria dessas mulheres, mas também a condição étnica e social.

Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio*

Um encontro de vidas

Neste texto, apresentamos nosso grupo de escritoras. Sim, querida leitora, você leu bem: um grupo de mulheres fortes e determinadas, mães, filhas, donas de casa, professoras e profissionais dedicadas, que, por um acaso da vida ou talvez por trilharem caminhos marcados pela superação e a certeza de que somos seres integrais (sociais, biológicos, emocionais e históricos), encontraram-se e estão aqui expondo suas vivências nestas belas - e cheias de emoções - escrevivências (termo criado pela nossa grande escritora Conceição Evaristo, unindo os verbos escrever, ver e viver).

Quem disse que a pandemia não trouxe encontros regados de amor? Nossos corações continuaram aquecidos mesmo com a distância, transformando quem até então era desconhecida em parceira de caminhada. Em agosto de 2020, um grupo de mulheres, a maioria delas profissionais da educação, isto é, professoras, coordenadoras e psicopedagogas, desejavam ampliar seus conhecimentos e, então, decidiram realizar sua inscrição no curso de Pós-graduação em Desenvolvimento Socioemocional no Contexto Educativo. Não era esperado, mas iniciamos o curso de forma remota, pois era o que o contexto nos propiciava naquele momento. E, em meio a tantas expectativas, nem sonhávamos o quanto esse encontro mudaria nossas vidas. Muitas de nós procuraram o curso pensando apenas no âmbito pedagógico, querendo nos especializar nesse assunto e enriquecer o nosso lado profissional. Porém, no decorrer das aulas, percebemos que o curso foi para além do contexto educacional, abrangendo, também, nossas vidas, contribuindo para o nosso crescimento pessoal, uma forma de terapia para nossas vidas. E que importância ele tem!

Assim, transformamo-nos, não apenas como profissionais, mas também como pessoas. Nossa vida se ressignificou. O que de tão mágico e especial tem nessa Pós talvez não saibamos explicar, mas, com ela, refletimos e aprendemos o valor que carregamos dentro de cada uma de nós, o quanto somos importantes. Dialogamos sobre empatia e compreendemos que é necessário praticá-la conosco para, assim, propagarmos aos outros e aprendemos a fazer uso de uma linguagem ainda mais gentil e assertiva com todos que nos cercam.

O sonho que era compartilhado por todas no início - de transformar vidas e ampliar nossos conhecimentos - tornou-se ainda mais significativo, pois nos transformamos e, por consequência, estamos deixando sementes na vida de todos com quem convivemos.

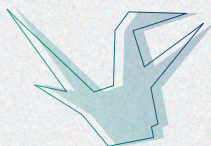
É lindo como tudo aconteceu e se fortaleceu. Hoje, mesmo sem nunca termos nos visto pessoalmente, preocupamo-nos umas com as outras, sentimos saudade, conhecemos o jeito de cada uma e estamos presentes, mesmo que apenas com uma palavra de conforto sempre que necessário. Criamos uma rede de mulheres que exercitam, diariamente, a sororidade!

Entre tantas coisas boas que o curso já nos trouxe, embarcamos em mais uma: a escrita de um livro, que apresenta o resultado de uma atividade desafiadora para cada uma de nós ao revisitar nossas histórias e escrever sobre elas, inspiradas na grande escritora Conceição Evaristo. Este livro registra vivências que nos constituíram, e sua construção foi um caminho doloroso e difícil para algumas, mas terapêutico e libertador para todas. Na Pós, tivemos uma disciplina chamada “Escrita e leitura como experiências de cuidado”, ministrada pelo professor Luciano Bedin da Costa, que nos fez entender e experimentar o real significado dessas palavras.

Esperamos que você possa se emocionar e se identificar, assim como nós nos emocionamos escrevendo. Talvez, algum dia, voltaremos para contar como foi o nosso primeiro encontro presencial, que certamente será cheio de afeto.

Novo Hamburgo, outono de 2021.

Pâmela da Silva Luz
Joana Schneider Machado
Joice Catiana de Oliveira Trevizani
Elisandra de Moraes Fagundes



De onde tudo surgiu

por Juliana Bohn

No ano de 2016, tive a oportunidade de trabalhar com uma turma de anos iniciais do Ensino Fundamental que me desacomodou totalmente. daquelas turmas que deixam a nós, professores, de “cabelos em pé”. Sem saber o que mais fazer para que um clima de tranquilidade se estabelecesse nesse grupo, fiz uma busca na internet: “O que fazer com uma turma difícil?”. As respostas estavam todas relacionadas à Educação Socioemocional. A partir dali, busquei materiais e cursos que pudessem me ajudar a saber mais sobre o assunto e colocá-lo em prática em minha sala de aula.

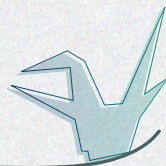
Essas práticas se tornaram cursos de extensão que tive a oportunidade de ofertar na Faculdade IENH. Observando as buscas por esses cursos e também por outros relacionados à temática, a vice-diretora, Renata Roos, convidou-me a pensar uma proposta de especialização em Educação Socioemocional. Nascia, assim, a Especialização em Educação Socioemocional no Contexto Educacional.

A primeira turma teve início em meio à Pandemia de COVID-19, em agosto de 2020. Flexibilizamos o currículo para trazer disciplinas que pudessem nos dar um suporte em meio à crise que estávamos vivendo. No decorrer das disciplinas, observei que era frequente a fala “tenho medo de escrever”, “não sei escrever”, “escrevo como falo”. Em mais uma mudança de planos, trouxemos, para iniciar o ano de 2021, a disciplina de “Escrita e leitura como experiência de cuidado”, com o professor Luciano Bedin da Costa.

Retomo aqui o início do meu texto: ao me deparar com as primeiras ideias da Educação Socioemocional, percebi que

muitos dos problemas daquela turma eram, na verdade, reflexo das minhas ações e formas de agir com eles. Isso me levou a um profundo trabalho de autoconsciência, o que hoje, para mim, é a competência socioemocional mais importante a ser desenvolvida. O que percebi no trabalho do professor Luciano com a turma foi um aprofundamento da consciência de cada uma das alunas sobre suas próprias histórias, o que imediatamente retoma o lugar de surgimento de todo esse curso: a consciência de quem somos, de nossas forças e fraquezas. Ao reconhecer quem somos, de onde viemos e como chegamos a este ponto da caminhada, tornamo-nos frágeis perante uma contemporaneidade que noticia uma felicidade que intoxica. Em contraponto, agigantamo-nos dentro da verdade que a vida é quando crescemos a partir daquilo que temos de mais vulnerável.

As mulheres que narram suas histórias neste livro são precursoras por natureza. São professoras, mães, filhas que, após uma semana de trabalho, na sexta-feira à noite, arriscaram-se nas descobertas trazidas pelo curso. Riem, choram, sentem...crescem e seguem construindo suas histórias, na certeza de estarem construindo as suas trajetórias em um curso que levará para sempre a marca delas: as nossas primeiras alunas da Especialização em Educação Socioemocional no Contexto Educacional.



Da palavra à escriturivência: percursos de um livro

por Luciano Bedin da Costa

Em março de 2021, em meio ao que se anunciou como o ano mais difícil de nossa história, recebi o convite para ministrar uma disciplina sobre escrita e leitura na Especialização em Desenvolvimento Socioemocional no Contexto Educacional, promovido pela Faculdade IENH, onde tive a alegria de trabalhar antes do meu ingresso junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. A essa disciplina dei o nome de Escrita e Leitura como experiências de cuidado, uma tentativa de movimentar os verbos ler, escrever e cuidar, verbos que me são muito caros e que têm me acompanhado ao longo dos últimos anos. Junto a uma turma inesquecível de quatorze mulheres, demos início a um percurso que resultou na publicação desse livro em questão.

Durante três sextas-feiras à noite, após uma semana de trabalho e de sobrevivências (sim, em um país desgovernado como o nosso, viver é, antes de tudo, sobreviver), nos encontrávamos nas tais janelinhas do Google Meet para compartilhar nossas leituras e escritas. Embora nossas caras fossem de cansaço e desânimo diante dos acontecimentos ligados à pandemia da Covid-19, nossos desejos nos revelavam o oposto, levando-nos a permanecer nas aulas sempre um pouquinho depois do horário previsto, fazendo a família e janta esperarem um pouco.

Além dessas quatorze mulheres, uma grande companheira de andanças foi Conceição Evaristo, escritora mineira responsável por contos e romances que literalmente

revolucionaram nosso modo de ler e viver a literatura brasileira, trazendo para a escrita o peso de nossa ancestralidade, violentamente massacrada e silenciada ao longo da triste história que marca os povos escravizados em nosso país. Por meio da escrevivência, termo cunhado por Conceição Evaristo para pensar a relação entre escrita e vida, iniciamos nosso percurso de escritura. O primeiro movimento para a produção das escrevivências se deu a partir de uma apresentação inicial, em que cada participante se apresentou a partir de palavras livremente escolhidas. Um ponto que me chamou a atenção foi o fato de palavras relacionadas à força e fragilidade coexistirem em quase todas as apresentações, não havendo prevalência de uma sobre a outra. Como exemplo, trago aqui uma das apresentações produzidas, em que essa relação se apresenta de modo bastante assertivo: “Sou forte, segura e confiante para proteger minhas fragilidades. Às vezes, permito que me vejam vulnerável e confusa, mas hoje já consigo dizer que sou incompleta e preciso de ajuda para me reconstruir depois dos abalos”. Nesse fragmento, escrito de modo muito sincero e corajoso, percebemos o papel da força diante da sensação de fragilidade que todas/todos nós experimentamos em determinados momentos de nossas vidas.

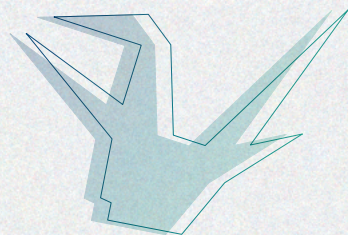
Após as apresentações, lidas de forma coletiva, as participantes foram convidadas a selecionar uma ou duas palavras presentes em seus textos, palavras que serviriam de ponto de partida à produção das escrevivências. Conversamos sobre o fato de as palavras selecionadas terem um sentido e uma história próprias a cada vida, palavras que parecem vestir nossas fragilidades com tecidos simbólicos, dando um nome a um conjunto de experiências vividas de modo inominável. O fato de três das participantes terem escolhido a palavra “forte” diz do quanto a força assume um lugar relevante na vida dessas mulheres. No entanto, para cada uma dessas vidas, a

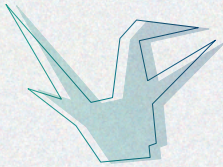
força apresenta sentidos diferentes, conectados às dificuldades enfrentadas ao longo do tempo e às coisas pelas quais tiveram que passar diante de acontecimentos específicos. E, assim, a partir de palavras aparentemente simples, fomos chegando a universos bastante complexos, histórias que se revelaram muito comoventes e que nos fizeram literalmente chorar. Na noite de 26 de março, fomos tomadas/tomados por uma emoção quase indescritível, quando todas puderam ler suas escrituras. Do alto das janelinhas do Google Meet, acompanhamos cada uma das leituras, envolvidas pela frágil força de vozes embargadas, leituras que ficarão certamente marcadas em nossas vidas pela genuína expressão de confiança e cuidado com que foram empregadas.

Queridas Aline, Ana Carolina, Ana Cristina, Cláudia, Elisandra, Geovana, Grasielle, Jaqueline, Joana, Joice, Lilian, Nadiéle, Nathália, Pâmela e Priscila: quero agradecer de coração a confiança que vocês tiveram para com esse professor sonhador, mostrando-me, mais uma vez, que escrever, ler e cuidar são mesmo verbos imprescindíveis. Suas escrituras são uma amostra do quão fortes vocês são e do quanto suas fragilidades não devem ser encaradas como impotência ou motivo de vergonha. Aliás, esse é um peso histórico-cultural enfrentado por quase todas as mulheres habitantes de um país branco e misógino como o nosso, algo que torna suas escrituras um ato político.

Quero também agradecer a Juliana Bohn, coordenadora da Especialização em Desenvolvimento Socioemocional no Contexto Educacional, que entrou com unhas e dentes no projeto de publicação do livro, mostrando-se uma ótima companheira de viagens. Quero também agradecer a Bruna Moraes Battistelli, pelo belíssimo ensaio Conceição Evaristo: uma mulher que encharca o mundo com histórias, produzido especialmente para este livro e que tanto nos encheu de alegria.

Finalizo com as palavras da nossa grande Conceição Evaristo, palavras que traduzem a sensação que tenho ao ler as quinze escrevivências que compõem este livro: “O movimento da escrita, acho que até o movimento da própria vida, é um movimento que você faz para vencer a dor, ou para vencer a morte, eu acho que é alguma coisa assim, é o espírito de sobrevivência mesmo, esse desejo de você agarrar-se à vida de alguma forma. Para mim, a literatura é essa oportunidade que você tem de se agarrar à vida, porque você registra a vida, você inventa a vida, você discorda da vida”.





Escrevivências



As mulheres que em mim habitam

por Aline Baioto Lunkes



É preciso ser forte para dizer sim ou não. Toda ação tem uma consequência. Venho de uma família marcada por mulheres fortes, independentes, guerreiras e amorosas. Minha avó, com seus mais de dez filhos, me ensinou isso. Doméstica e guerreira, fazia de tudo e mais um pouco para manter sua família, aprendeu desde muito pequena que, para ser gente, era preciso trabalhar... Com seus dezesseis anos, estava prestes a ir para a cidade, sair do interior, ir estudar e ser professora. Era seu sonho, porém seu destino estava prestes a mudar... seu pai, embriagado, como de costume, não a deixou ir, pois era necessário que ela ficasse para cuidar de seus irmãos.

Então, eis que sua vida volta num círculo semelhante a sua linhagem anterior, na qual estudar era para poucos e que mulher deveria trabalhar fora, cuidar dos filhos e marido, e assim ela fez. Com dedicação, amor e muito trabalho, ensinou seus filhos que era preciso estudar para ser alguém na vida. Incentivou-os a irem longe e em busca de seus sonhos.

Em meados da década de 80, uma de suas filhas, uma jovem muito forte e determinada, se desloca do interior de Ijuí, com poucas roupas, mas com muitos sonhos, novas oportunidades na capital, como estudar, trabalhar e dar orgulho para a sua família.

Em poucos meses, estava trabalhando (e não era de doméstica) Os meses foram passando e a saudade de seus pais ia aumentando. Cartas eram escritas mensalmente. Numa manhã fria de inverno, estava ela passeando pela cidade quando, de repente, encontrou o amor de sua vida, o qual fez seus planos se transformarem. Em julho do ano seguinte, a jovem moça estava com um lindo bebê. Com isso, foi necessário mudar seus planos, seu sonho de estudar foi adiado, pois agora era mãe... com os aprendizados que obteve de herança de sua mãe, a jovem dedicou-se de corpo e alma para proteger, cuidar e educar sua filha, mas seu sentimento era de que aquele círculo continuava de geração em geração. Mesmo com pouca idade, mas com muita garra, determinação e amor, mostrou à sua filha que a vida é permeada de escolhas e que é necessário ser forte, ser dedicada e estudar.

Sua filha, observando o esforço de sua mãe, e conhecendo sua história, sua linhagem, se dedicou aos estudos, trabalhou muito, de segunda a domingo, para pagar seus estudos. Teve que fazer escolhas e ser forte para poder continuar alcançando seus objetivos, e quando recorda a história de sua avó, seus olhos enchem de lágrimas e seu coração transborda, pois ela conseguiu, estudou e se formou, e hoje está aqui compartilhando essa escrevivência.



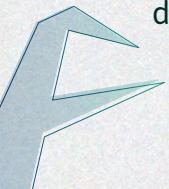
A força da fragilidade

por Elisandra De Moraes Fagundes

Não demonstrar fragilidade é algo que aprendi muito cedo. Digo que aprendi porque hoje eu vejo que ninguém me disse que eu não podia ser frágil; li esse ensinamento nas atitudes das pessoas ao meu redor. Sou a primeira filha de uma família instável e sem nenhum planejamento de futuro. Sempre havia um irmão recém-nascido - foram quatro depois de mim - que precisava da atenção e dos cuidados da minha mãe, dona de casa e única responsável pelas tarefas domésticas e pelo cuidado com os filhos, servindo ainda a um marido provedor.

Sempre havia uma urgência para a qual o dinheiro recebido pelo meu pai, trabalhador da construção civil, não era suficiente: pagar a conta de luz atrasada, fazer o rancho da semana, comprar o remédio de alguém adoentado em casa.

Nesse constante ambiente de insegurança e tensão, aprendi que chorar por qualquer coisa, falar de sentimentos ou pedir colo eram atitudes fúteis



diante da importância de ter o básico. Fui, então, me tornando uma expert em dizer que estava tudo bem ou em me trancar no quarto para chorar sozinha, até que a raiva, o medo, a decepção ou a tristeza se calassem novamente.

Com o passar do tempo, as vivências adultas e muita terapia, entendi e aceitei que meus pais fizeram aquilo que conseguiram naquele momento e contexto, foram a família que sabiam ser. Aos poucos, fui me desprendendo da criança que culpava os pais por não terem sido o porto seguro que esperava e por contribuírem para me tornar uma adulta com tanta dificuldade em partilhar fraquezas.

Depois que saí de casa, morando sozinha, sentindo-me dona da minha vida, vivenciei um momento terrível e transformador: uma depressão, agravada pela síndrome do pânico, que me fez perder a vontade de viver e ter medo de estar com pessoas (algo que sempre adorei). Isso me obrigou a pedir ajuda. Primeiro, busquei ajuda profissional. Só depois fui falar com a minha família, que recebeu com espanto o diagnóstico para alguém tão forte, que nunca verbalizou dificuldades ou necessidades. Sempre vou lembrar do que eu disse para minha mãe quando ela me perguntou porque eu não tinha falado nada antes:

- Vocês sempre têm tantos problemas, não queria trazer mais um, achei que ia passar, que eu ia dar conta sozinha.

Contrariando minhas expectativas, durante os piores meses do meu tratamento, tive a família que acolheu, cuidou e protegeu, que se organizou para

que eu não ficasse nenhum minuto sozinha, para me alimentar quando eu esquecia. Na mais aguda crise de pânico, eu não conseguia respirar mais, pensei que morreria e, meu irmão mais novo, de quem sempre tomei conta, me abraçou e me ensinou a encontrar o ar, seguindo o ritmo da sua própria respiração.

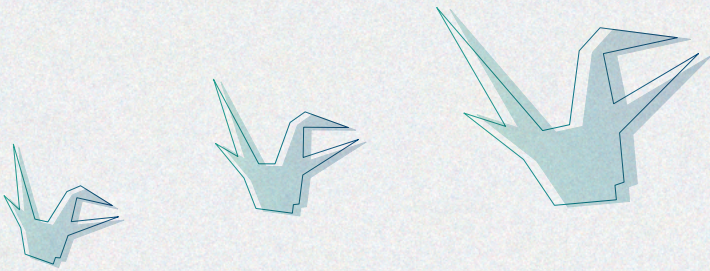
Experimentei, nesse tempo, toda fragilidade que eu nem sabia que tinha. Sentia-me nua, vazia, vivendo uma realidade paralela e sem sentido.

Com passos lentos e muita ajuda, me reconstruí, aprendi imensamente sobre meus limites e possibilidades.

Mas, como um ser vulnerável e cíclico que sou - e acredito sermos todos nós - constantemente preciso relembrar essas aprendizagens, fazer um esforço para compartilhar o que vai ficando sufocado dentro de mim.

Hoje, vivo novamente o eterno processo de me construir como pessoa, como quem gera uma vida no ventre e experimenta sentimentos intensos e contraditórios, que sente uma força imensa, capaz de qualquer coisa para proteger a cria e, ao mesmo tempo, uma fragilidade tão grande que tira o sono, com o medo e as incertezas sobre o que a espera, com o desconhecimento dessa versão inédita da mesma mulher.






As estações de Ana


por Ana Carolina de Souza Rauter

Nasceu em meio às folhas do outono, na época de Páscoa, de ressurreição e de renascimento - tanto da estação, como de um novo olhar para aquela família. Sua mãe, de 19 anos, que constantemente buscava o sentido na vida, acabara de dar à luz a uma menina de olhos pequenos que demorava para nascer - passou do tempo de chegar ao mundo - ao lado, ou melhor, “à distância”, de um rapaz que acabara de conhecer e com quem ainda não firmava um relacionamento (tão) afetivo. Ele, com 30 e poucos anos, morava em outra cidade, buscava emprego.


No colo de quem tinha disponibilidade, da avó, da vizinha ou da tia, Ana construía e abandonava o carinho, a confiança das pessoas para que o pai trabalhasse no emprego que passou a executar por 26 anos, e também para sua mãe oportunizar o autoconhecimento de uma vida que acabara iniciar (dizem por aí que essas oportunidades ainda perduram). Logo, cresceu seus 152 centímetros, indo




e vindo, conhecendo cidades diferentes - pois a felicidade estava sempre no desconhecido, nunca na valorização dos pertences e das pessoas que rodeavam a sua família - e pessoas diferentes que entravam e saíam do círculo familiar a todo instante. Quando seus irmãos nasceram, precisou ser uma fortaleza ainda mais alta, pois, em meio aos movimentos dos ônibus e do andar dos dias, agora precisava secar lágrimas além das da sua mãe.



Ana precisou ser a referência da família. Quando sua mãe se entregava de corpo e alma para um novo rapaz, ela recebia o papel de conselheira. Quando a família não tinha dinheiro suficiente para pagar a luz ou comprar pão, era quem pegava sua bicicleta e pedalava atrás de uma venda que pudesse vender algo para “pagar depois”. Quando sua mãe brigava com as vizinhas, ela recebia a responsabilidade de descartar a humanização dessas mulheres com a ordem de nem dizer “oi”. Levava e buscava seus irmãos na escola, fazia o almoço deles, recebia seus boletins, perguntava e monitorava. Saía para receber dinheiro, pagar as contas, conciliar questões familiares. Ana não vivia para desfrutar da infância, pois tinha a tarefa de servir. Quando ganhou uma bala e um pirulito do dono da venda da esquina de um dos lugares onde morou, Ana foi cantarolando na bicicleta até em casa. Comeu a bala e mostrou para a mãe o pirulito. Sua mãe segurou o pirulito e jogou no rosto de Ana, chamando-a de “pessoa mais egoísta que ela já conhecera”, pois a menina não havia pensado na família, nos seus irmãos e somente nela por comer aquela bala sozinha.



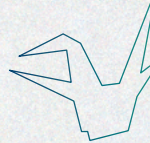


Cresceu em meio aos sons de palavras como “egoísta, irresponsável, que não saberia ser adulta, que nunca teria amizades...”.

Dizem por aí que ela ingenuamente não sabia que era proibida de decepcionar. Menos ainda: de se autoamar. Faltava sol na infância de Ana. Havia um vento frio que soprava intensamente rumo às árvores que secavam ao seu redor. Árvores do brincar, das relações de amizade, afeto e cuidados básicos.

Quando alguma dessas árvores tentava fortalecer seus galhos, nos anúncios de primaveras e verões, o ciclo das estações retrocedia e o semblante da vida retornava à escuridão do inverno novamente, com uma aura escura, um semblante de morte simbólica. Como na vez quando precisou sair da casa de seu pai aos 18 anos porque ele ingressou no mundo do crack. Ana ganhara a bolsa na faculdade e se permanecesse ali, poderia ter até o seu computador vendido, assim como os outros pequenos objetos da sua casa.

Encarando as dores da vida por não ter outra escolha, descobriu o mundo, ganhou mais livros do que bonecas. Ganhou a sensibilidade do olhar nos arredores e parecia brilhar por onde passava, como se todo novo lugar e uma nova pessoa fossem um reencontro. Dizem por aí que Ana concluiu que “apenas estava onde precisava estar, quando e com quem precisou em todo seu percurso”. Nesses movimentos de cá e lá, viajou na sua própria vida e conheceu seres encantadores de ensinamentos (bons e negativos). Além desse encanto, descobriu cantos escuros e outros cheios de flores e brisa por onde andava - gostou mais desse último e tentou se dedicar



a permanecer ali mesmo, como se nunca mais fosse sair, pois sentia-se segura e leve. Percebeu, portanto, que permanecer ali nesse canto, ainda por mais “tanto” seria desafiador. Às vezes, a brisa passava e o outono chegava de novo, levando folhas e secando flores. Precisava, então, passar pelo inverno inteiro, se recolher, ficar consigo e ser o seu próprio calor. Dizem por aí que “os invernos de Ana são os mais difíceis”, pois é quando ela precisa olhar para si, aprender a se acolher e a se autoamar sem se sentir egoísta. Também dizem que “depois de todos eles, ela descobre um novo canto de flores e brisa”: a primavera! E que ela aproveita cada segundo, cada elemento como o cheiro do pólen, como a sensação da luz do sol dourando a pele e o cantar dos pássaros como eternos, antes que essa estação siga seu ciclo natural.

Nessas travessias, virou cuidadora.

Depois olhou pra dentro. Virou professora. Quis ser o próprio relento.

Caiu e levantou, sempre com a sensibilidade no olhar, no toque, no som, no que sentia. Permitiu-se sentir as tristezas dos invernos, as alegrias dos verões, os afetos da primavera e as frustrações dos outonos. Deixou cada estação mostrar a sua beleza e a sua intensidade.

(dizem por aí que, agora, Ana tem aprendido a ver a beleza de todas as estações e inclusive admirar suas importâncias.)





O dia que meu mundo desabou

por Nadiéli dos Passos

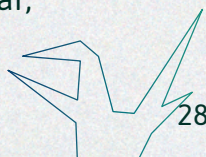


Você só descobre o quanto é forte quando não tem outra alternativa. Parece clichê, mas, de fato, é o que ocorreu comigo. Passei pelos piores momentos da minha vida, uma dor insuportável. Com ela vinham inúmeros pensamentos, o desejo de fazer qualquer coisa para parar de sentir, de pensar e sofrer, por inúmeras vezes pensei que não aguentaria ou que não fazia sentido continuar. Mas sobrevivi e, desde então, sempre que encontro alguma dificuldade ou fico desmotivada, lembro de tudo que já passei, da força que tive para conseguir superar os momentos sombrios pelos quais passei. Até porque não era somente sobre mim, tinham outras pessoas que amo muito, que dependiam do meu esforço, e isso me ajudou muito. Hoje levo a certeza que não há nada que eu não possa vencer. Sei que as adversidades da vida não param, mas carrego também a certeza que estou mais forte do que ontem e posso enfrentar qualquer coisa.

Lembro como se fosse hoje, o dia que meu mundo desabou. Fiquei sem chão, senti como se abrisse um buraco no meu peito do tamanho do universo, duvidei de tudo e de todos. Sei que muitas pessoas também já passaram por isso, mas é impossível mensurar até que sejamos nós. Ainda posso ouvir a voz trêmula do meu pai no telefone, dizendo que minha mãe repentinamente tinha perdido os sentidos na frente dele, caindo no chão desacordada. Pelo que os médicos falaram, não tinha mais o que fazer, “como assim, pai”, pensei, “acabamos de tomar café juntos nós três”.

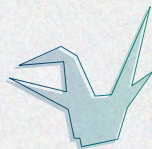
Era nosso dia de folga, meu e do meu pai, ela estava tão feliz sorrindo - aliás seu sorriso largo era sua marca registrada. Infelizmente era verdade, minha mãezinha tinha partido, sem nenhum aviso, não pudemos sequer nos despedir, não pude dizer o quanto eu a amava e o quanto ela significava para para nós. Não era justo, ela era tão jovem, tão cheia de vida. Como é possível Deus fazer isso? Eu orei e clamei tanto, mas não fui atendida, acreditei que Ele não existisse, fiquei de mal com Deus. Afinal, eu não merecia isso, sempre fui boa filha, não entendia porque Ele estava me punindo dessa maneira. Só pensava em como falar isso para meus dois irmãos menores. O que eu iria dizer quando eles pedissem por ela?

Mas segui firme, agora eu era a mãe de três: minha irmã de sete, meu irmão de dez anos e meu pai, porque ele permaneceu presente só fisicamente, não conseguia ficar em casa, trabalhava a maior parte do tempo. Eu tive que me desdobrar entre trabalhar,

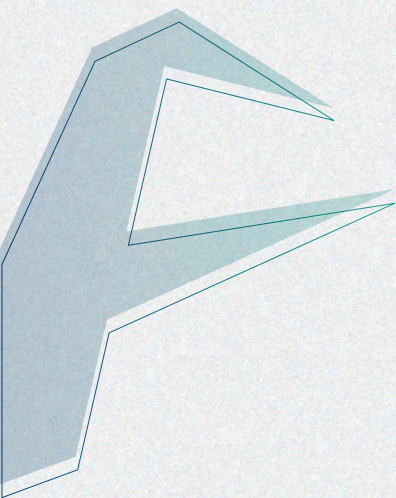
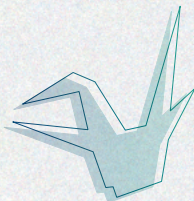


estudar e dar conta de tudo. Minha mãe era dona de casa, lá sempre tinha pão caseiro e bolo de banana, as crianças adoravam. Eu me senti na obrigação de tentar o máximo possível fazer tudo que ela fazia. Depois que eu chegava do trabalho, fazia a janta, ajudava no dever. Quando eles iam dormir, cuidava da casa, deixava o almoço pronto e o lanche para o próximo dia. Enquanto todos dormiam, eu chorava, lavando a louça e pensando que não iria aguentar, e quanto mais os dias passavam, a dor e a saudade só aumentavam. Tive que abrir mão do meu trabalho por um tempo, porque as crianças precisavam mais de mim. Perdi as contas de quantas vezes me ligaram da escola porque elas estavam chorando e pedindo pela mãe. Eu engolia minha dor para acolher a delas. Foram tempos difíceis, mas de muita luta, entrega e amor. Eu fazia de tudo por elas e me sentia feliz por isso, porque eu sabia que era assim que ela sempre cuidara das crianças e, onde ela estivesse, estava feliz.

Mas como todo sofrimento não é para sempre, depois de muito tempo, a partir de uma busca espiritual, consegui me encontrar, pude refletir e entender que eu precisava me livrar de toda a dor e angústia que permaneciam impregnadas dentro de mim. Pedi perdão para Deus por ter duvidado Dele, por ter me afastado tanto. Só depois compreendi que nunca estive sozinha, que fora Ele quem me amparara, me guardara e restabelecera minhas forças. Há coisas que fogem do nosso entendimento e cada um tem sua missão, sua jornada na Terra. Por mais que partam antes de nós, permanecem conosco



para todo sempre, como minha mãe permanece nas minhas lembranças, nos meus traços, em cada pedacinho meu e, principalmente, no meu coração. Hoje sou muito grata a Deus por ter me dado ela de presente como mãe. Tudo que eu sou e toda força que eu tenho é fruto dos seus ensinamentos e de todo amor que ela me deu.





Ressignificando a vida

por Priscila Naiana Lacerda de Souza

Em 2018, fui surpreendida com uma notícia de doença grave na família, perdi meu chão, queria escutar do médico um prazo para a cura, uma explicação para a doença, e ele não tinha essas respostas para mim. Sempre fui uma pessoa muito organizada com prazos, planejava meus dias de forma cronometrada, mentalmente já sabia o que faria durante a semana e até durante o mês, com plano B preparado se o plano A não funcionasse. Então, essa notícia me desestabilizou emocionalmente e tudo que havia planejado de uma forma ou de outra já não funcionaria mais.

Precisei ser forte pelo meu esposo, para lhe trazer conforto nesse momento. No trabalho, precisei me concentrar para deixar todas as preocupações da vida pessoal do lado de fora dando meu melhor. Precisei cuidar do meu filho como pai e mãe, demonstrar a ele que tudo iria passar e que logo o papai estaria novamente conosco (mesmo sem saber

se realmente isso aconteceria, precisávamos ter fé e esperança), cuidar da casa e de tudo que ela nos exige, e da parte financeira (pois sempre fui meio desorganizada nessa área e, sem tempo de preparação, precisei tomar conta de tudo).

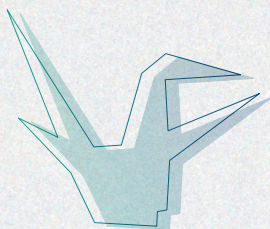
Ainda estamos nesse processo de tratamento (quem convive comigo sabe das minhas angústias), pois, quando pensamos estar tudo bem e “acomodados”, algo novo e preocupante vem e nos lembra que devemos viver um dia de cada vez.

Esse processo já me ensinou a ser mais forte, a apreciar coisas simples da vida como um bom chimarrão, um pôr do sol, um jantar em família e até mesmo a correria do dia a dia. Continuo com defeitos (normal, pois somos seres humanos), mas antes de iniciar uma reclamação, tento parar e ver o lado bom das coisas, o que Deus quer me ensinar com esse momento, que tudo na vida passa, que temos mais a agradecer do que reclamar.

Hoje já não me pergunto mais o porquê de tudo isso estar acontecendo em minha vida e nem quanto tempo ainda durará esse processo. Planejo e vivo um dia de cada vez, aprecio a família e, principalmente, a vida que Deus me deu.

Penso que sempre temos o que aprender em cada momento de nossas vidas, com as pessoas que cruzam nossos dias, com o percurso que trilhamos, com os desafios, com as alegrias e com as tristezas, com os momentos bons e também ruins.

Nossa vida é um sopro, e devemos aproveitar cada momento com intensidade como se fosse o último, pois não sabemos quando ele realmente será.




Aprendi com a dor o meu valor

por Pâmela Silva da Luz

“Quieta”: uma palavra que me traz lembranças e que hoje, para mim, faz total sentido, quando anterior a ela vem a palavra “não”. Algo simples para algumas pessoas, mas complicado para outras.

Ficar quieta foi o que fiz por anos, me silencieei, me calei e me escondi. Mas para quê? Pra agradar a quem? Ou melhor - o que combinava mais comigo - com medo de magoar a quem? Na minha cabeça, passa tanta coisa e me envergonho de, aos 22 anos, ter me pressionado a ponto de achar que eu precisava estar formada, casada, “feliz” e fim. Será que esse é o fim?


Que medo é esse de falar o que eu sinto? Meu peito explode querendo expor meus sentimentos, meus desejos e palhaçadas, mas minhas mãos gelam e meu rosto aquece me dizendo para não falar. O tempo passa e eu envelheço. O que eu faço? Eu, Pâmela, queria me libertar, eu poderia simplesmente sair dessa prisão que eu mesma me coloquei, mas, ao pensar que posso magoar alguém, mesmo que essa



peessoa esteja me magoando, me parece algo tão errado. Então aceito, me calo e engulo!

Até que não deu mais, eu queria chorar, gritar, dançar, me sentir linda e LIVRE. Então eu saí! Assim mesmo, simples, com as roupas na caixa e as lágrimas escorrendo no rosto, eu fui. Doeu tanto, achei que nunca ia passar. E passou. Passou porque tudo sempre passa e por isso levo essa frase tatuada em meu peito, por mais doloroso, difícil e fim do mundo que pareça, simplesmente passa.

Foi necessário. Só agora eu sei impor meus limites e não aceito menos do que eu mereço. Ouvi tantas vezes que deveria sair daquela vida, que estava sendo boba e não deveria aceitar aquela situação. Hoje em dia, olhando de fora, realmente me parece fácil, cada um oferece o que tem dentro de si e, talvez, por isso, as bençãos sempre me procuram e tudo dá tão certo.



Meu Deus, minha fé, minha família e todos que me amam me ajudaram com isso. Mas, principalmente, Eu. Obrigada, Pâmela! Obrigada por suportar e permanecer em pé, por não se calar mais e por aprender a ser você mesma em todas as situações.





O choro restaura meu equilíbrio emocional

por Jaqueline Grasielle Weiermuller



Sou bastante sensível, muitos me conhecem e me chamam de chorona. Isso era uma coisa que me incomodava, pois não conseguia controlar. Quando as lágrimas rolavam em meu rosto, já ouvia alguém dizer “Começou!” ou “Demorou!”. Aí mesmo que eu chorava, porque misturavam os sentimentos. Algumas pessoas são falantes e conseguem se expressar através da fala e eu sempre o fiz através do choro, pois chorar me esvazia, me tranquiliza, me traz a sensação de bem-estar.

Então, um certo dia, ouvi a seguinte frase: “Você precisa agir mais com a razão e não tanto com o coração.”. Isso, pra mim, foi profundo quando escutei, me fez parar e pensar, pensei, pensei e até que resolvi mudar, resolvi ser uma pessoa diferente, mais firme e mais forte com esse sentimento.

Vou confessar que, em muitos momentos, eu consegui ser firme e agir com a razão, mas não me sentia “EU”. Foram várias tentativas, algumas eu até

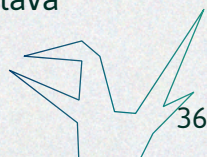
festejava por ter conseguido, mas, mesmo assim, não conseguia me ver naquele momento, sentia um vazio dentro de mim.

Assim o tempo foi passando e, a cada dia, uma nova tentativa, até que não aguentei mais: veio a pandemia, milhares de sentimentos bagunçados dentro de mim e não consegui mais suportar tudo isso.

Sempre me considerei uma pessoa forte: quando eu caía, me erguia de novo, com pensamentos positivos e de fé. Mas eu não estava mais conseguindo me erguer sozinha, então procurei ajuda de especialista para conversar e me ajudar a sair daquela situação que estava me fazendo muito mal, pois fazia cinco noites que não estava mais dormindo, muitos sentimentos estavam me atrapalhando.

Depois de saber que tudo isso era uma forte crise de ansiedade e que, se não tratasse, poderia entrar em depressão, procurei um médico para me receitar algo que pudesse me estabilizar, pois eu sentia essa necessidade. Foi então que comecei um tratamento de um mês. Nos primeiros dias, passei muito mal, mas como o médico já havia me dito que era normal e que não poderia parar de tomar, continuei, mas foram alguns dias bem horríveis. Aos poucos o remédio foi me acalmando, conseguindo me estabilizar, mas ainda não estava me achando em mim. Nada me tocava como antes, tornei-me uma pessoa fria, sem sentimento, era assim que estava me sentindo.

Quando retornei à consulta, falei que estava

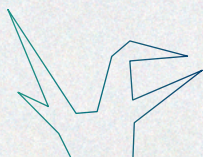
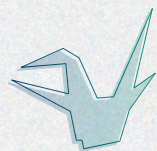


me sentindo melhor, que estava mais calma, sem aquela agitação, aperto no peito, noites sem dormir, entre outros sentimentos, estava tudo sob controle. Só o que me impressionava era não conseguir chorar.

Eu sabia que isso estava fazendo falta em mim, pois eu me sentia bem, me sentia feliz, me sentia leve. Fui solicitada a ir parando gradativamente o remédio, mas sabe o que aconteceu? Por eu achar que estava bem, parei de vez e foi então que passei mal de novo, mas foram somente alguns dias.

Numa manhã, sentada no sofá, recebi uma mensagem tão linda de uma amiga que me devolveu a alegria de chorar. Chorei por horas sem parar, até pensei que não ia mais conseguir parar, porque tudo me fazia chorar naquele dia. Foi tão estranho, que chorava até olhando para as paredes.

Ser “eu” de volta foi a melhor coisa que aconteceu na pandemia. Tive que passar por momentos ruins e difíceis para me aceitar da maneira chorona de ser e agir com meu coração. Porque é dessa forma que me sinto bem. O choro restaura o meu equilíbrio emocional.





Vencendo os desafios na vida

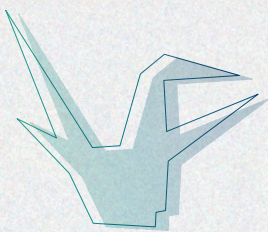
por Joice Catiana de Oliveira Trevizani

Quando mais jovem, eu era uma menina/ adolescente/ mulher tímida, com medos e inseguranças de enfrentar os desafios que vinham ao meu encontro, receios de vivenciar o novo. Fico me perguntando se isso poderia ser porque sou a filha caçula e sempre tive a proteção e a presença de meus familiares em minha volta, porém são questionamentos que surgem e não encontramos respostas. Nesse instante, iniciou-se a procura de algo que não se identificava de forma concreta. Além de não encontrar resposta aos meus questionamentos, meus medos e insegurança se desencadearam de uma forma intensa, trazendo-me assim gatilhos que me levaram à “síndrome do pânico”, causando-me, então, angústias e um sentimento de impotência. Busquei ajuda terapêutica, tomei medicações, porém tinha a sensação de desencontro com aquela pessoa que eu buscava ser.

Com incentivos e palavras doces de minha

amada mãe e dicas de leituras recebidas de uma colega de trabalho, cuja formação é fonoaudiologia, fui me fortalecendo espiritualmente e me encorajando a vencer os desafios que perpassavam meu caminho. Então passei a ler livros de autoajuda, espíritas, romances, entre outros, realizei terapias com Reiki, o que foi ajudando a me encontrar comigo mesma.

Venci essa luta, sei que a ansiedade ainda transita em minha mente, mas hoje sou “corajosa”, aceitando desafios que jamais imaginei ser capaz de executar, procurando pensar sempre no momento presente, deixando o passado como aprendizagem. E o futuro? Vamos aguardá-lo, vivendo, assim, um dia de cada vez.



Assumindo a direção da liberdade


por Ana Cristina Weber

Dezessete anos, quatro e trinta da manhã e o despertador começava a tocar. Levantava depressa, sem colocar no modo soneca, para não me atrasar. Ia para o banho, tomava o meu chimarrão e descia a longa lomba em direção à Br-116. Atravessava-a e aguardava alguns minutos até a chegada do ônibus para me levar à cidade vizinha, onde eu, jovem determinada, buscava, através de muito trabalho, alcançar meu sonhos.

Durante a manhã, babá; à tarde, professora; e ao entardecer, dirigia-me até o ponto de ônibus novamente para ir à faculdade.


Vinte e duas horas, fim de aula, outro ônibus e, enfim, casa...banho, janta e cama.

Chega os dezoito anos: alegria não cabia no peito, momento da tão sonhada carteira de motorista, e o que mais eu escutava era: "Ah, não vai conseguir, é muito difícil", "De ônibus é mais seguro, melhor nem começar, é dinheiro gasto à toa", mas eu estava decidida a enfrentar esse desafio.



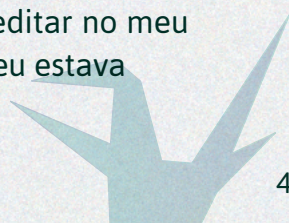
Na teórica aprovada, nas práticas muitas aulas e muitas reprovações, porém a vontade de não desistir era mais forte e, no último dia do prazo, veio a tão aguardada aprovação!

Carteira na mão, hora de dirigir por aí e a única coisa que vinha na cabeça é “Você não consegue!”. Meus pés trêmulos, e eu sem conseguir fixá-los nos pedais. Diversas tentativas e nenhum sucesso... Então, aquela pessoa determinada, resolve desistir, e a rotina continuou normalmente, com a longa jornada dentro dos ônibus.




Muitos anos se passaram, já havia terminado a faculdade. Era julho de 2018, 18h50min, e eu descia daquele ônibus a caminho de casa. Enquanto caminhava pela calçada, eis que uma bicicleta parou, dois homens vieram em minha direção, cercando-me e eu parei, fiquei imóvel. Senti algo gelado em minha cabeça. Sim, era um revólver, e eu sem nenhuma reação, não conseguia ouvir o que eles falavam, apenas retirei minha bolsa e entreguei tudo sem pestanejar, me senti impotente dentro daquela situação. Na mesma velocidade que me pararam, eles também saíram, ainda olhei para trás e não consegui determinar a direção que haviam ido. Continuei o caminho até minha casa, chorando e tremendo muito, e foi a partir desse dia que eu fiquei determinada a mudar minha história.

Comprei um carro (sim, em muitas vezes), estava na hora de sentir a minha força e coragem, ouvir meu coração. Eu era forte e não haveria ninguém que me fizesse desistir de acreditar no meu potencial. Sim, eu iria conseguir dirigir, eu estava



determinada a dar esse passo na minha vida.

Após todos os empréstimos possíveis serem reprovados, recorri ao meu pai, que prontamente me auxiliou nesse meu novo sonho. Então ele foi comigo a uma concessionária, pesquisou comigo, viu os prós e contras e embarcou comigo nessa busca. Foi em dezembro daquele mesmo ano que ele me ligou dizendo que havia uma proposta ótima no jornal, um carro particular e marcamos de ir vê-lo... me apaixonei logo de cara, um carro do jeitinho que eu queria, lindo, perfeito, mas como eu iria pagar? Foi aí que meu pai sugeriu o acordo: ele iria me emprestar o dinheiro e eu pagaria para ele por mês, conforme eu ia conseguindo e assim fizemos. Foi assim que consegui, no mês passado, (sim, março de 2021) quitar o meu carro.



No primeiro dia em que o trouxe para casa, lá em 2018, já fui trabalhar de carro, destemida, corajosa, assumindo a direção da liberdade.... Quando ele apagava, simplesmente ligava-o novamente, se eu errava a marcha, tentava de novo, e quando recebia buzinações, olhava e cumprimentava, afinal, quem nunca errou? Eu estava disposta a enfrentar qualquer coisa para superar meus traumas.

Eu consegui, com muita determinação. A vontade de vencer falou mais alto, aprendi com os erros a cada dia e, aos poucos, fui percebendo que não era nada tão difícil e que não teria problema em pedir ajuda no momento de aperto.

Estacionar? Sim, ainda ao lado de garagens ou quando há duas ou mais vagas disponíveis, porque a baliza... essa eu vou deixar para um próximo texto.



O encontro do meio

por Cláudia N. da Costa Pereira



Sobe ... Desce ... e o meio...

O meio é aqui, é onde se faz o equilíbrio, mas é bem pouquinho, só o tempo de rapidamente tentar e, sem muita escolha, subir ou descer... Ah, mas é aqui no meio que faz sentido experimentar de novo, de novo e de novo. Como é difícil, quase irritante, e isso sem falar no medo.

Aquele medo que alerta o perigo, acompanhado da dúvida do que arriscar, faz uma bagunça e chega de repente, como vento antes da chuva e, às vezes, aumenta tanto que gela o estômago, aperta o peito de uma forma que só resta a pressa para subir ou descer.

Definitivamente é dali o impulso para viver a experiência, o desafio.

Eureca!!! É da infância, na praça singela, rodeada de verde, ar quente e leve, com cheiro de ferro enferrujado e terra seca, poeira e sons barulhentos que não sei mais do quê. Foi ali que

descobri uma pequena menina, em um esforço contínuo e incessante na busca de resultar o meio.

A praça praticamente se tornou, por algum tempo, o refúgio possível para enfrentar e suportar a desordem na família, originada pela perda brusca do filho mais velho, irmão amado, que, aos dezoito anos partiu da vida tentando realizar o sonho de ser militar, de seguir o exemplo do pai. A tragédia é anunciada, a notícia chega logo após as comemorações da Páscoa, a lembrança da procura pelos ninhos entre os brinquedos da praça juntos, estava muito presente, os chocolates ainda estavam no ninho. Ele disse que voltaria no mês seguinte para comemorar o Dia das Mães, e agora como ficaria? Dali em diante, definitivamente tudo mudaria, a ausência da “alegria da casa” se instala em cada um da família de forma muito distinta. A menina, pai, mãe e mano mais novo. A ingenuidade da infância da pequena menina não permite muita compreensão do entorno, mas a praça, sim, era um lugar bem legal, lá havia a sensação de que tudo estava normal, brincar trazia a alegria de sempre. A gangorra se tornou um momento desafiador e emocionante, pois subir proporcionava impulsionar o corpo até o limite possível sem cair, descer trazia um frio na barriga, materializando a emoção de pisar no chão novamente. Mas o melhor estava no meio: mais seguro, era o centro, a neutralidade entre os dois momentos, era o encontro do equilíbrio.

A experiência persiste na ânsia constante daquele momentinho do meio.

Assim as emoções se acomodam e não mais na



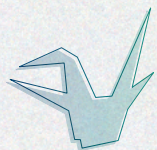
praça, na gangorra, mas em todos os experimentos seus, de outras vidas, dos textos, contos, cantos, encantos e desencantos. Logo, a praça esvazia, os anos avançam, a menina cresce, amadurece e o movimento se torna hábito, sobe... desce ...e o meio...

Atualmente o cenário da brincadeira de gangorra auxilia no entendimento e estruturação das experiências, pois os diferentes sentimentos que envolvem cada momento da vida, com constantes altos e baixos, encaixam-se e simplesmente saber que há o meio para estar em paz, equilibrar o inevitável, é suficiente.

O que de fato importa? Subir, descer, equilibrar?

Minha conclusão: tudo importa, são as experiências que constroem e fazem as pessoas serem quem e como são.

A compreensão de que o meio é uma busca contínua, transitória e em fluxo, que pode ser inquietante, desafiadora, impulso para “experenciar” mais e mais, que não é algo finito ou apenas um objetivo a atingir. Então, sim, a satisfação de ter experiências na trajetória faz todo o sentido. Acreditei. E sigo acreditando.



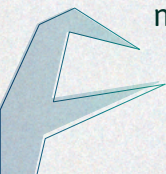


Toda história de vida tem seu valor

por Geovana Goulart Diehl

Uma história de vida tem seu valor primeiramente para quem conta. Contaram-me que, quando nasci em Cangussu, em 15 de junho de 1971, tinha um inverno muito frio. Meu pai colocava garrafas de água quente para me aquecer durante a noite.

Nasci na parte central, mas meus pais moravam no quinto distrito da cidade. Eram agricultores, arrendavam uma terra onde trabalhavam e dividiam o lucro do plantio com o proprietário. Naquela época, andava-se de carroça ou ônibus, que passava só uma vez por dia. Depois que nasci, ficamos um tempo na casa dos meus padrinhos Izê (professora) e Silvino. A parada de ônibus mais próxima da nossa casa era na frente da casa deles. Depois meus pais me levaram para casa, muito felizes com a filha. E me levavam para lavoura: minha mãe ajudava meu pai no plantio e lá me sentia muito só em uma caixa azul de madeira. Ficava ali




enquanto eles plantavam. Fui crescendo e tinha mania de fazer um buraquinho na parede e comer terra, devia ser uma vitamina que faltava. Meus pais tinham muitos primos e gostavam de se juntar para cantar - minha mãe até hoje guarda os escritos. Eles estudaram só até o terceiro ano, mas sabem muito de tudo e, principalmente, a fazer contas de cabeça.

Nove meses depois, nasceu meu irmão. Lembro dele porque meus pais nos lembram sempre da tristeza que foi ele falecer com apenas um mês de vida. Naquela época, chamavam a doença de “crupe agudo”. Ele morreu asfixiado, pois a doença fecha a garganta. Como o transporte era precário, esperaram o ônibus passar de manhã. Chegaram no hospital da cidade com meu irmão já morto nos braços.

Muito triste...

Meus pais desesperados, eu ainda muito pequena, minha mãe só chorava. Resolveram tentar a vida em Novo Hamburgo, pois os pais da minha mãe já moravam lá há alguns meses. Venderam o que tinham, fizeram uma trouxa com as roupas e eu. E então foram de carona com um caminhoneiro que iria a Porto Alegre.

Cheguei em Novo Hamburgo com um ano e um mês, estava engatinhando ainda. Fui criada pela minha avó materna enquanto meus pais trabalhavam muito para vencer na cidade grande. Moramos com meus avós por um tempo, até que meu pai construísse uma casinha. E, quando eu tinha uns seis anos, foram morar em uma casa própria em outro lugar.




Com amor, determinação e paciência, podemos ser cada dia melhores

por Lilian Terezinha De Souza


Na vida, considero-me uma pessoa determinada, pois sempre fui impulsionada a ter firmeza naquilo que quero. Quando quero algo, não fico esperando chegar, vou buscar, com muita leitura, estudo e dedicação. Acho que isso se dá pelas coisas que vivi no decorrer da minha vida, muita história para contar. Mas, no meio dessas histórias, sempre tive o exemplo de um pai e uma mãe muito dedicados e determinados em sempre dar e fazer o seu melhor... e fizeram: ensinaram-me a buscar com trabalho, estudo, determinação e coragem tudo que sempre quis. Nada é fácil e o que vem fácil, vai fácil também...

Mas uma das minhas histórias, em que precisei de determinação para mudar, foi depois da minha gravidez, quando vivi uma depressão pós-parto e não sabia que isso estava acontecendo...quando lembro, tenho vontade de voltar no tempo, mas enfim... era tudo que eu mais queria, engravidar, mas a minha gravidez não foi tranquila. Tive que fazer repouso e ter alguns cuidados, o que resultou em diferentes



juílgamentos. Sei que gravidez não é doença, mas precisava de cuidados, nunca fui de “me fazer”, mas realmente recebi algumas restrições médicas. Parecia que estava fazendo algo errado, acho que o processo da depressão iniciou ali, mas não notei, por estar trabalhando o dia todo e sempre cheia de coisas pra fazer.

Graças a Deus que, apesar de tudo isso, a gravidez seguiu muito bem, com seus altos e baixos, mas lá no fundo não estava tão bem assim. Eis que nasce o menino mais lindo, perfeito e amado do mundo, mas chorava! Muito normal, mas isso me deixava irritadíssima, tinha vontade de sumir, sair correndo, pensava que estava cansada, ficava sozinha com ele dia e noite, o marido estava trabalhando e fazendo faculdade. Quando recebia visita, não queria deixar pegar, deixava, mas tinha muito ciúmes...muito doído. Eram mil sentimentos diferentes. Pra mim, não era depressão, mas recebi o diagnóstico da minha terapeuta.



E a questão do choro continuou me incomodando, até conhecer uma pedagoga maravilhosa que relatava uma história muito parecida que tinha passado com o filho. Fui entendendo, mudando e tentando me perceber mais como mãe, lendo sobre tudo e até sobre depressão pós-parto. Ajudou-me muito, mas o problema é que sempre fiz tudo isso me julgando. Como uma pessoa que sonha em ser mãe age dessa forma? Vai ter depressão? Por favor!

Fazia terapia antes de engravidar e durante a gravidez também. Senti a necessidade de voltar, foi

me ajudando, mas sabe quando você pode fazer tudo, ler, fazer terapia, fiz um curso de Reiki que me ajudou muito, mas a chavinha lá dentro não dava o clique. Isso mesmo..foi só em meio à pandemia instalada no mundo inteiro que a chave deu seu giro e percebi que agora, sim, estava tudo fazendo sentido.

Culpei-me esses anos todos por ter feito a pessoa mais linda da minha vida, meu amor, meu filho sofrer, mesmo que inconscientemente.

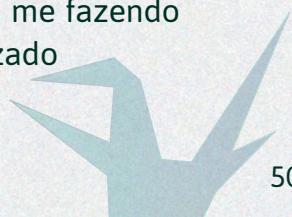
Em 2020, em meio a todas as mudanças e dificuldades enfrentadas, pude me sentir privilegiada e grata por não ter me faltado nada, nem a mim e nem a minha família e ter todos com saúde.


Fiz o que pude para ajudar quem estava precisando e o que estava ao meu alcance.

Mas fui em busca de algo pra mim, precisei me olhar, voltar-me para dentro, cuidar de mim, mudar hábitos e ser cada dia melhor. Muitas leituras, aprendizados, conhecimentos e foco. A busca pelo que me faz bem, a busca por viver de forma mais natural e saudável possível, a busca por mais qualidade de vida.

Nessa busca, aprendi muitas coisas: aprendi que posso me ajudar, estar mais perto de mim, pois na vida sempre me cobre muito, muito mesmo, E hoje me acolho, cuido de mim, me apoio. Ainda estou nesse caminho, tem dias que não consigo, mas tento e estou determinada a melhorar a cada dia.


Estar do meu lado está fazendo toda diferença na minha vida. Poder me acolher, aceitar meus erros com mais amor, empatia e cuidado está me fazendo muito bem. Claro que isso é um aprendizado





constante que tenho que relembrar sempre, senão me pego novamente me punindo e me cobrando muito. Às vezes, acho que tem a ver com minha adolescência, pois tinha que ser exemplo para minhas irmãs e nunca fazer nada errado, e realmente não fazia nada errado, estava sempre fazendo o que era considerado certo.

Cuidar mais de mim faz com que eu consiga cuidar mais dos outros também. E com esse cuidado, com esse amor e carinho comigo mesma, estou conseguindo me respeitar, ensinando o meu filho a se respeitar, a se ouvir e a fazer o que realmente tem vontade e o que faz sentido para ele. Estou no caminho, no processo, pois ainda não aprendi a dizer não sempre. Cada dia que passa, vou buscando pela minha melhor versão. A minha melhor versão como mãe, como esposa, como professora, como aromaterapeuta, como estudante e como pessoa, E, no final, ao juntar cada uma delas, vou ter a minha MELHOR versão...





A menina que tinha sonhos

por Nathalia Becker



Sonhos: uma palavra com tantos significados, para cada ser humano uma interpretação diferente. Para uma menina lá em 2017, a palavra sonho significava concluir a graduação em Educação Física e ir fazer um intercâmbio, conhecer outro país, outra cultura. Ela queria escrever uma nova página no livro da vida.

E foi exatamente assim que aconteceu. No final do ano, ela se despediu da escola em que trabalhava, formou-se, colocou a mochila nas costas, pegou sua mala e foi, com um sorriso no rosto, um frio na barriga e muita determinação na cabeça.

Na Austrália, ela viveu três meses, fez amigos, começou a aprender um novo idioma, desafiou-se em uma nova profissão e tinha a certeza que aqueles estavam sendo os dias mais intensos, divertidos e desafiadores de toda sua vida. Bem, isso era o que ela acreditava até aquele sábado de junho, final do dia, começo da noite. Ela não viu o carro e o carro não a

viu, e começava ali os meses mais desafiadores da vida dela.

Naquele sábado, a menina acreditou que sua vida tinha parado, jamais terminado. Foram vários e longos dias no hospital, muitas cirurgias, algumas complicações, mas sempre acreditando que aquilo tudo era só uma fase difícil e que logo tudo voltaria ao normal e ela voltaria a aproveitar os dias que restavam do intercâmbio. As coisas não saíram igual ao que a menina, que tinha toda a sua vida planejada na cabeça, planejou, e ela precisou voltar para a casa no Brasil, com o pai de um lado, a mãe do outro e um par de muletas embaixo do braço apoiando seu corpo. Mas o objetivo era o mesmo: voltar para a terra dos cangurus.

A menina passou um ano e meio depois do retorno com esse único objetivo. Tudo que ela fazia era pensando em voltar. Todo dia na fisioterapia ela pensava que “uma fisioterapia a menos, um dia mais perto de voltar”, porque a moça que sempre cumpria com o que dizia não quebraria justo esta promessa.

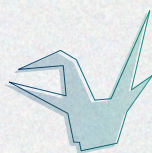
Aconteceram mais algumas complicações que não permitiam que ela voltasse. Os dias no Brasil foram passando, mas a perna não tinha jeito de melhorar, sempre acontecia algo para atrasar um pouco mais a sua volta. E quando isso acontecia, ela ficava se perguntando, mesmo não querendo se ela realmente queria e deveria voltar para a Austrália. Os dias se passaram, ela começou a refletir sobre o assunto e então decidiu primeiro terminar todo seu tratamento e depois, sim, ir pra lá, quando estivesse totalmente recuperada. Depois dessa decisão, tudo

começou a dar certo. Em poucos meses, ela tirou o fixador externo que usava há mais de ano, começou a caminhar sem muletas e quase conseguia correr. É meio maluco, mas foi exatamente assim que aconteceu. A menina já não estava mais preocupada com a sua promessa, ela queria só ficar boa, queria poder caminhar bem.

O sonho ainda morava dentro dela, aquela menina é sonhadora, muito pé no chão, mas sempre sonhando e fazendo de tudo para realizar seus sonhos. Então, ela precisava voltar a criar raízes na sua cidade natal, já que ela não podia trabalhar ainda, e foi assim que ela voltou a estudar, criou raízes aprendendo sobre emoções em um curso de pós-graduação.

Muitas vezes, nesses quase três anos, ela chorou, achou tudo muito injusto, mas sem duvidar nem por um segundo dos propósitos de Deus em sua vida, até porque ela sabia o tamanho da sorte que teve quando parava para analisar a gravidade do acidente. Ela é uma menina forte, porém sensível, ela é teimosa, mas transformou toda a sua teimosia em determinação e prometeu para ela mesma que só descansaria quando o médico lhe dissesse que ela estava totalmente recuperada.

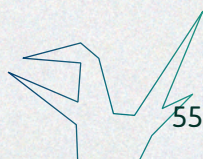
E assim ela segue em recuperação, fazendo fisioterapia, cuidando mais do seu corpo e da sua saúde, tenta mostrar como toda essa fase foi e é difícil, porém continua otimista e vendo que é necessário ver o lado bom para deixar tudo mais leve. Desistir nunca foi e não será uma opção para ela. Hoje ela aprendeu a parar, a descansar e,




principalmente, a dizer não e que algumas vezes não podemos cumprir todas as promessas que faz.

A Austrália? Essa foi uma fase linda, cheia de lembranças, cicatrizes e grandes aprendizados. Voltar para lá só para visitar os amigos.

A menina que passava o dia correndo, fazia mil coisas enquanto a cabeça voava longe nos pensamentos e sonhos, a menina que estava sempre pronta para ajudar aprendeu a pedir ajuda, a confessar que não está bem sempre e que nem todas as pessoas no mundo são leais como ela. Hoje ela está mais madura, mais forte, mas com o mesmo olhar de menina, com um sorriso cativante e o sonho continua sendo sua ação diária.





A vida a chamou para viver e ela foi

por Joana Schneider Machado

Era março de 2012 e uma menina tímida, ingênua, filha única, que não sabia muita coisa sobre a vida, estava indo em busca de um ideal. Na verdade, estava indo em busca de algo que nem ela sabia bem ao certo, mas sabia que era certo ela ir. E ela foi. Penso que somente quando ela chegou lá de fato é que ela se deu conta do que havia feito. E com o passar dos dias, em meio às dificuldades que encontrava, tudo vinha fazendo sentido.

Sempre foi muito próxima de sua família, sempre esteve ali para eles quando precisaram, pois sabia que eles estariam ali por ela também. E, em um momento da sua vida, momento esse que tudo deu um salto para outra fase que estava por vir, foi quando surgiu um desafio e, ao mesmo tempo, uma oportunidade. Sua prima irmã lhe convidava para morar com ela na cidade que nunca para, que nunca silencia, em outro país, longe de seus pais, amigos, demais familiares e deixando para trás um sonho que

tinha acabado de iniciar, o ingresso na graduação de Pedagogia. Estava cursando o segundo semestre, em que fazia cadeiras gerais e poucas específicas, pois não sabia o que "queria ser quando crescer". Foi no final do ano de 2011 que muitos questionamentos ela se fez: será que devo largar tudo para trás e ir? O que eu vou fazer lá? Quanto tempo eu vou ficar? Será que eu vou conseguir? E por aí vai...

Ao mesmo tempo em que ela se questionava, algo dentro dela dizia que ela tinha que ir. Então, ela decidiu. Dia 27 de março de 2012, dia que está guardado para sempre em sua memória, ela e sua prima embarcavam para aquele lugar. Sua prima já morava lá há alguns anos, porém, como exerce a carreira de modelo, acaba viajando muito para outros lugares e ficando pouco tempo em casa. Ok, isso ela não sabia (ou não tinha se dado conta). Quando chegaram lá, a menina que era quieta, tímida, medrosa, introspectiva, viu um mundão enorme diante dela e sentiu algo dentro de si que lhe dizia "Esse mundo é seu! Aproveite!". Uma semana depois, após conhecer um pouco sobre essa nova vida, esse novo lugar, sua prima viajou a trabalho, como comentei anteriormente, e a menina ficou sozinha naquele lugar. "Socorro!" - ela pensou. E agora? Por onde ela começava? Ah! Algo muito importante que acabei esquecendo de mencionar. Além do seu jeitinho retraído e com medo de toda e qualquer novidade, ela também não falava a língua daquele país... nem aquela nem nenhuma outra além da materna, o português.

Sua prima, que sempre lhe tratou como uma irmã mais nova, claro que não deixou ela assim: contratou um professor particular da língua local, que era brasileiro, e

alertou suas outras amigas brasileiras que lá moravam para auxiliar a menina quando fosse necessário. Além disso, deixou uma "lista de sobrevivência" colada na geladeira, com telefones, restaurantes e demais informações importantes. Nesse momento você, leitor, vai pensar: "Ah, assim é fácil ir morar em outro país sozinho..." E eu lhes digo: sim, é fácil. Mas naquele momento, para aquela menina, ainda era algo MUITO difícil. Por isso, digo que essa sobrevivência é sobre luta, perseverança e mudança. É sobre aproveitar todas as oportunidades que a vida lhe dá e é sobre viver intensamente cada fase e cada momento dela. É sobre isso.

Sua prima nem sempre estava com ela, na verdade ficou muito pouco, pois seu trabalho lhe exigia bastante viagens. Então, aos poucos, a menina foi se arriscando e se aventurando, pesquisava em casa os lugares que queria conhecer, treinava na frente do espelho frases prontas e as anotava em um caderninho que guardava sempre consigo. Conferia mil vezes a bateria do seu celular, avisava seus pais, lá do Brasil, para onde ia e que horas ia voltar e ligava para eles via skype para que pudessem acompanhar a energia dos lugares ao mesmo tempo que ela, desejando, a cada minuto, que eles estivessem lá. Mal sabia ela o quanto era importante estar vivendo tudo aquilo sozinha.

Iniciou em uma escola para aprender a língua local, porém, nessa escola, ela era a única aluna brasileira. Lá, fez amizade com uma tailandesa, que também estava aprendendo a língua. Juntas, elas foram tentando se comunicar, o que arrancava delas muitas risadas. Combinavam de visitar lugares especiais nos

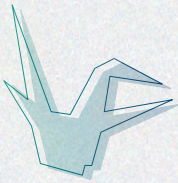


finais de semana e, quando uma ficava com receio, a outra se arriscava. A menina já não era tão tímida.

Assim ela passou os seus seis meses. Muitos pensaram que ela não ia mais voltar, pois viam a felicidade dela naquele lugar. Mas não, ela gosta daqui. Gosta de estar perto de seus pais e sabia que precisava dar seguimento a algumas coisas que tinha deixado para trás. Porém, ela voltou diferente. Voltou quase que o oposto de todos os adjetivos citados anteriormente, sem nem perceber. Às vezes, ela ainda é tímida, ainda sente medo, mas isso não faz com que ela deixe de aproveitar as coisas da vida. Hoje, ela é independente. É autora da sua própria história. Já realizou tantas coisas sozinha que ela nunca pensou que conseguiria.

Aquela lugar lhe deixou marcas que ela traz com ela até hoje. Em seis meses que lá esteve, passou de menina para mulher. Descobriu a força dentro dela que nem achava que tinha, percebeu que não era tímida, que gosta muito de conversar, arrisca-se a fazer coisas novas, não tem medo de que vai dar errado, ela vai lá e faz, e, quando erra, aprende com o erro e faz de novo. Traz, dentro do seu coração, tudo que aprendeu naquele lugar, tudo o que as outras pessoas com quem conviveu lhe ensinaram e uma gratidão imensa por sua prima que tanto ama. Com certeza, aquela foi a melhor fase da sua vida.

Obrigada, mundo, obrigada, eu, por sempre acreditar!



Postácio



Conceição Evaristo:

uma mulher que encharca o mundo com histórias

por Bruna Moraes Battistelli



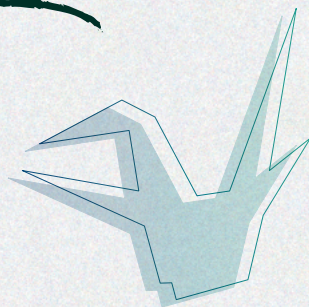
Ela é assim (...). É assim, a Senhora das Luminescências. Em uma das mãos porta uma pequena cuia e dentro dela uma infinidade de velas que nunca se apagam (EVARISTO, 2016a, p. 35).

Ela é assim, esgarça a memória e nos ensopa com suas histórias, suas obras são como a infinidade de velas que a Senhora das Luminescências carrega. Conceição é fortaleza e brandura, produzindo um alívio, que nada tem a ver com histórias de ninar a casa grande. O alívio que Conceição e suas velas nos proporcionam é afirmar a vida, mesmo quando a violência do mundo se repete exaustivamente. A cada história que acende, como quem acende uma vela, a autora nos mostra que podemos seguir tecendo fios de esperança e apostando nas possibilidades da existência. Mas não são histórias para ninar a casa grande, ela nos alerta. Narrativas que rasgam, humanizam, mostram muitas versões de vidas que costumeiramente a literatura branca hegemônica costuma estereotipar.

Se você conhecer mulheres como *Aramides Florença*, *Natalina Soledad*, *Shirley Paixão*, *Adelha Santana Limoeiro*, *Maria do Rosário Imaculada dos Santos*, *Isaltina Campo Belo*, *Mary Benedita*, *Mirtes Aparecida da Luz*, *Líbia Moirã*, *Lia Gabriel*, *Rose Dusreis*, *Saura Benevides Amarantino*, *Regina*

Anastácia, entenderá o que Conceição fala. Abrir Insubmissas Lágrimas de Mulheres (2016b) é um exercício de adentrar muitas vidas e estar ao lado de experiências que, por vezes, irão rasgar a alma.

Suas histórias narram existências negras no pós-apocalipse colonial que segue nos dias de hoje, em um Brasil que ainda se revolve com as heranças do nefasto período de escravização da população negra. As histórias de (re)existência que alargam o mundo contadas pela autora não são fáceis, não são para o entretenimento. Com fios de dor e esperança, Conceição nos ensina que a experiência pelas bandas de cá do Atlântico nunca morreu ou empobreceu¹, sempre esteve viva, passada de mulher para mulher, nas cozinhas, nos terreiros, nos transportes públicos, nas filas de espera dos serviços públicos, por cima dos muros e no fundo das casas. Pelas bandas do Sul Global, a experiência é mediada pelos fios do colonialismo, que ainda passa nos atravessa, conformando certos modos de existir como passíveis de serem narrados em detrimento de outros. Conceição trava a roda das narrativas, descentra aqueles que costumemente ocupam as histórias hegemônicas e afirma: há mais histórias possíveis do que aquelas que vocês (Casa Grande) conhecem.



A autora nos oferta uma escrita que não é imune à sua própria experiência, às suas vivências, ao que passou. Seus livros são reuniões de retalhos de memórias, de histórias que escuta e sobre essa ela nos ensina: escute, acate as histórias que te contam, colha histórias, ouça vozes plurais e as acolha no fundo do peito. Para educadoras/educadores, psicólogas/psicólogos e outras/outros escutadoras/escutadores, a autora ensina sobre a fina arte de apurar os ouvidos para narrativas que engravidam o mundo e nos diz: “escrevo o que a vida me fala, o que capto de muitas vivências” (EVARISTO, 2017, p. 17).

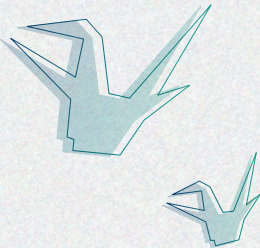
Desafia os estereótipos, encharcando suas histórias de humanidade: suas personagens rompem com o que se espera e se inscrevem no mundo em busca de relações mais humanas. Experimente as águas com *Sabela* e entenderá o que lhe digo; sinta as pétalas de flores que voavam ao vento, saídas das axilas de *Rosa*, são *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016). Na intensidade de suas histórias, ela nos apresenta personagens sensíveis, marcadas pelos traumas da exclusão e, também, por seus sonhos e desejos; uma autora dos rastros molhados que transbordam experiências.

Dessa forma, ler Conceição Evaristo é deixar-se molhar, em uma chuva que alarga as perspectivas do mundo, que, quando amenam, nos mostram outros mundos. E se Conceição (con)funde-se com a Senhora das Luminescências, suas protagonistas compartilham desse lugar, compartilham do mesmo dom: ser luz em meio ao caos, violência e dor. Mulheres e homens que falam, gritam, e se permitem sentir, mesmo quando o cotidiano os acolhe com fios de violência. E assim, se você quer conhecer Conceição e pensar sobre as histórias e o ato de narrar, encontre com *Maria-Nova*, que andarilha por *Becos da Memória* (2017) e nos ensina o poder das palavras escritas:



Um dia, e agora ela já sabia qual a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos (EVARISTO, 2017, p.138).

E sobre a escrita, Conceição nos ensina a escrever de forma que ela chegasse até as pessoas que inspiraram as suas histórias. Para tanto, a autora evita o uso dos estereótipos, humaniza suas personagens e aposta na invenção; afirmando a ficção do cotidiano, em um exercício ético e sistemático do escrever, do escrever vivendo. Com Conceição, aprendemos que somos um país prenhe de experiências, sedento pelas páginas, pela escritas dessas, mas que carece dos espaços de escuta necessários para um mundo mais plural e encharcado de histórias; escre(vendo)-se no mundo a partir do que se passa em sua vida e na de suas personagens.



Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. (EVARISTO, 2016b, s.p.)

¹ Refiro-me ao que costumeiramente lemos em textos que falam sobre experiência e que convocam os ensinamentos de Walter Benjamin sobre o narrador, a experiência para afirmar a pobreza da experiência e a possível morte do narrador. Pensar a experiência em nosso país precisa de uma composição com outras vozes. Se você escutar os livros de Conceição Evaristo, Ailton Krenak ou Carolina de Jesus, sairá ensofado de experiências. Por nossas bandas, as vivências são muito diversas da Europa pós primeira guerra mundial, por exemplo, cenário no qual o autor alemão estava imerso quando escreveu sobre o tema. Dessa forma, não podemos simplesmente acionar o autor para produzirmos leituras desde aqui, precisamos convidá-lo a sentar à mesa junto com intelectuais que compartilharam a experiência colonial em seus corpos.

E dessa forma, a autora desafia o cânone masculino e branco, ofertando-nos uma imensidão de rostos e histórias negras/negros, nos conta do cotidiano e também do mágico, costura suas histórias com fios invisíveis que compõem a existência: “a vida está para além do que pode ser visto, dito e escrito (EVARISTO, 2016a, s.p.)”. A autora nos instiga a nos abrigar na emoção do encontro, uma sensação que muitos não experimentaram em suas vidas. Em tempos de ódio e recrudescimento das políticas de morte, precisamos encontrar abrigo para seguir aninhando a esperança em nossos peitos. Para tanto, Conceição nos mostra a chuva, o desastre e narra a vida daquelas/daqueles que sobreviveram, com Sabela e os seus, encontramos-nos com vidas cotidianas, subalternas, inferiorizadas que nos pegam pela mão e mostram os efeitos do desejo de vida e de como aninharam a fome pela existência mesmo na tragédia. Assim, ela é assim, um corpo sábio, que conhece as dobras da vida, e, como a Senhora da Luminescências, vai nos guiando com suas velas. A cada página, uma pequena vela se acende e aquece o coração e a mente de quem se abre a estar junto. Ler Conceição é mobilizar sentimentos, é abrir-se ao encontro e emocionar-se em perceber que a vida encontra veios para se sustentar, mesmo quando o projeto colonial mortífero atenta contra as existências subalternas. E ler Conceição é entender que cada corpo irá construir histórias que não são imunes ao que a/o escritora/escritor é; eu, por exemplo, sou uma mulher cis branca lésbica, de origem pobre, hoje pertencente à classe média. As escrevivências, assim, são inspiração, mas não me arrisco a dizer que posso produzir escrevivências, pois essa é ferramenta de mulheres negras. Conceição, certa vez, em uma fala na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, falou que pessoas brancas também poderiam escrever inspiradas nas

escrevivências, mas precisariam entender, analisar e estar cientes de seus lugares de fala e posições no mundo. Um alerta para algo que pessoas brancas facilmente produzem: a apropriação e branqueamento de conceitos.

Assim, para escutoras/escutores que se aventuram com Conceição, o aprendizado, ou melhor, o convite, é para abrir os ouvidos, os olhos, os poros para a imensidão do mundo, para além das histórias que nos contam os livros tradicionais e hegemônicos. Escrever é, dessa forma, um exercício situado, de compartilhamento de dores da existência, uma ferramenta de mulheres negras. Assim, caso você não compartilhe dessa vivência, permita-se aprender com Conceição, inspire-se em sua abertura para o mundo e no desejo por uma gramática mais humanizada para narrar a vida.

Uma gramática mais humanizada, dessa forma, entende que falar, ser ouvida/ouvido, poder escrever uma outra história, contar com palavras para expressar seus traumas (KILOMBA, 2019) é valorizar a experiência de sujeitos comuns, que encontram o cotidiano com seus corpos e vidas e, a partir desse, lutam pela ampliação das possibilidades do existir. O que podemos aprender com Conceição? Ampliar nossos sentidos, desaprender o que fomos aprendendo como sistema colonial de educação; se fomos inundados por histórias hegemônicas brancas em nossos percursos escolares, Conceição nos apresenta um outro projeto de memória, aliançada com processos de revisão de esquecimentos e que sustenta batalhas contra os processos de esquecimento comuns na gramática hegemônica branca e centrada na narrativa colonial.



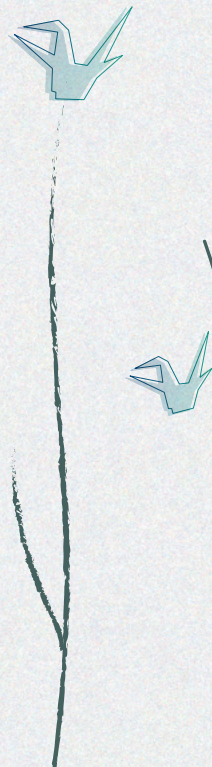
Referências

EVARISTO, Conceição. Histórias de leves enganos e parecenças. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2016a.

EVARISTO, Conceição. Insubmissas lágrimas de mulheres. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2016b.

EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017.

KILOMBA, Grada. Desobediências Poéticas. Curadoria Jochen Volz e Valéria Piccoli, ensaio Djamila Ribeiro. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2019.



Sobre as autoras do livro

Ana Rauter, professora bilíngue, formada em Letras - Português e Inglês. Pensa que a aprendizagem é processo íntegro e que cultivar comunidades escolares saudáveis é importante para a aquisição de habilidades do século XXI.

Ana Cristina Weber, pedagoga com especialização em Educação Infantil. Professora fascinada pela educação e pela construção de conhecimentos através do diálogo, do afeto e da criação.

Aline Baioto Lunkes, pedagoga e Professora de Educação Infantil. Atraída pela educação, vê, em cada criança, a esperança de um mundo melhor. Aprecia contemplar a natureza e toda a sua beleza e encanto. É uma mulher apaixonada pela vida!

Bruna Moraes Battistelli, psicóloga com mestrado em Psicologia Social e Institucional e doutoranda. Interessada por uma psicologia feminista que pense o cuidado e as aprendizagens a partir de comunidades amorosas e engajadas.

Cláudia da Costa Pereira, pedagoga, Coordenadora na Educação Infantil, encantada com todas as possibilidades do desenvolvimento do conhecimento e das aprendizagens coletivas.

Elisandra de Moraes Fagundes, pedagoga. Trabalha na área da educação há 23 anos, acredita na força transformadora da educação e que a aprendizagem significativa só acontece a partir da construção de vínculos.

Geovana Goulart, pedagoga. Trabalha com educação há mais de 20 anos. Encantada com o ser humano e sua capacidade de se reconstruir, quando adquire vontade de aprender sempre. Sabe que, através das emoções e da compreensão, conseguirá valorizar cada ser da maneira que merece. É grata em poder dividir sua história até os dias de hoje. Sabe que a vida é um eterno aprendizado.

Jaqueline Grasielle Weiermuller, pedagoga, atua na área da Educação Infantil, é casada, tem um casal de filhos. Sente muito orgulho de ser professora quando enxerga nos olhos das crianças o brilho quando a olham, a alegria de quando lhe ensinam algo, sente e vê que faz a diferença na vida deles.

Joana Schneider Machado, pedagoga, professora de Educação Infantil e apaixonada pelas descobertas e curiosidades da primeira infância. Confia na aprendizagem por afeto e na valorização dos sentimentos.

Joice Trevizani, pedagoga. Como professora de crianças de 0 a 3 anos, acredita que podemos ter um mundo melhor através da bagagem e dos ensinamentos que transferimos para as crianças, mostrando a elas que, a partir da sua coragem, podem vencer qualquer obstáculo em suas vidas.

Juliana Aparecida Bohn, professora e psicopedagoga. Atua na Educação Básica há 21 anos e desafiou-se no Ensino Superior, coordenando a Especialização em Educação Socioemocional. Ama a vida, a natureza e sempre tem fé nos seres humanos.

Lilian Terezinha de Souza, Arte Educadora, Professora da Educação Infantil, é apaixonada pela primeira infância, emociona-se com cada descoberta, cada possibilidade encontrada por elas, acredita e valoriza o sentimento e individualidade de cada criança.

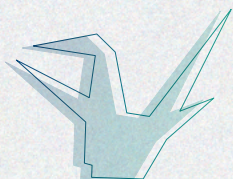
Luciano Bedin da Costa, psicólogo e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Um apaixonado pela literatura e pela possibilidade de ler e escrever juntos.

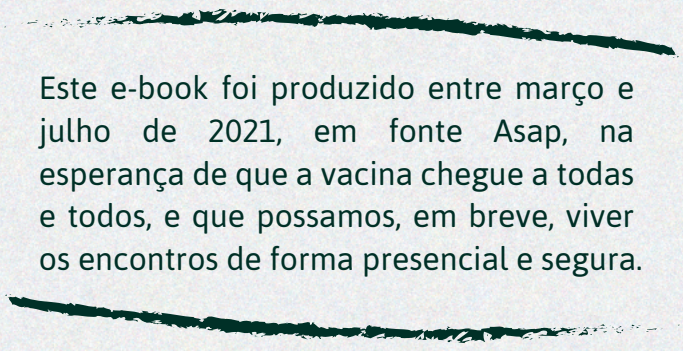
Nadiéli dos Passos, pedagoga. Encanta-se cada dia mais com a profissão que escolheu; acredita que a educação pode transformar o mundo num lugar melhor, principalmente quando vê o universo de possibilidades no olhar curioso e sincero de uma criança.

Nathalia Becker, formada em Magistério e em Educação Física - Licenciatura. Apaixonada pela profissão que escolheu, por viagens e viu, na pior fase da sua vida, uma oportunidade de se tornar uma pessoa melhor e mais forte, sem deixar de lado toda sua energia, otimismo e fé.

Pâmela Silva da Luz, pedagoga. Sonha em transformar vidas de crianças e adolescentes e se, de alguma forma, puder acrescentar na vida de alguém com seu texto, já se sente grata.

Priscila N.L. de Souza, pedagoga, atua na área da educação há 10 anos, é mãe, esposa e filha de Deus. Apaixonada pelo meu trabalho e minha família.





Este e-book foi produzido entre março e julho de 2021, em fonte Asap, na esperança de que a vacina chegue a todas e todos, e que possamos, em breve, viver os encontros de forma presencial e segura.